

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

ALVES, Elisângela Maria¹
RU: 2866370

PALOMA, Michely Isber Ruiz²

RESUMO:

O presente trabalho, cujo tema é “A importância da literatura infantil no processo de alfabetização e letramento de alunos portadores de necessidades especiais” tem como objetivo compreender a contribuição da literatura infantil no processo de alfabetização, despertando nos educandos portadores de necessidades especiais o gosto pela leitura e possibilitando a formação de sujeitos leitores. São muitas as dificuldades encontradas pelos familiares no processo de inclusão da criança com necessidades especiais na educação regular, como falta de adaptações no espaço físico, dificuldade no aprendizado, falta de professores especializados e de apoio, preconceito e discriminação. Assim, com a Declaração de Salamanca o conceito de Inclusão é um desafio para a educação, uma vez que estabelece que o direito à educação é para todos. A recepção de uma criança na escola deve se dar com vários elementos estimuladores para que o “mundo interno” da criança venha a aflorar. Assim esses estímulos vão desde aspectos físicos compreendendo as cores, o ambiente, o material didático até os aspectos criativos, afetivos dos educadores. A literatura infantil é um elemento propiciador do processo de alfabetização. Sendo assim, cabe ao professor usar deste artifício de forma a desenvolver o educando em formação. O foco deste trabalho está na pesquisa Bibliográfica, continuará sendo retomado por novas pesquisas a fim de que o objeto de estudo seja compreendido por diversas dimensões em que se apresenta em livros e revistas que abordam a temática.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Inclusão, Alfabetização, Letramento.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a contribuição da literatura infantil no processo de alfabetização, despertando nos educandos portadores de necessidades especiais o gosto pela leitura e possibilitando a formação de sujeitos leitores.

¹Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura Educação Especial - Distância - 2021.

²Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

A literatura infantil tem um papel fundamental no processo de aprendizado da criança. Através dos aspectos lúdicos do contar as histórias o educador poderá explorar as diversas dimensões cognitivas, afetivas e criativas do educando. Nesta catarse que um conto da literatura infantil, por exemplo, pode proporcionar ao educando, o “mundo do faz de conta” se entrelaça com o “mundo real” e o institucionalizado.

Esta pesquisa justifica-se por considerar que a escola deve ser o local em que todos têm direitos à educação, pautados na igualdade e na equidade, respeitando as diferenças e as individualidades das crianças com deficiência intelectual, realizando planejamentos que possam garantir o acesso e participação na escola. A literatura infantil tem um papel fundamental no processo de aprendizado da criança. Através dos aspectos lúdicos do contar as histórias o educador poderá explorar as diversas dimensões cognitivas, afetivas e criativas do educando. Neste sentido, como trabalhar os aspectos lúdicos da Literatura no processo de Alfabetização e Letramento com alunos portadores de necessidades especiais?

Com a Declaração de Salamanca conceito de Inclusão é um desafio para a educação, uma vez que estabelece que o direito à educação é para todos e não só para aqueles que não apresentam necessidades educacionais especiais.

O processo de alfabetização e letramento começa bem cedo na vida da criança e possui um papel fundamental no processo de aprendizado desta faixa etária. Através dos aspectos lúdicos do contar as histórias o educador poderá explorar as diversas dimensões cognitivas, afetivas e criativas do educando.

A criança não é um papel em branco e nem uma “tábula rasa”. Antes mesmo de aprender a ler a criança possui uma antecipação de seu letramento e alfabetização, isso se ela estiver dentro de um contexto social onde a leitura e a escrita façam parte de seu convívio.

A literatura infantil tem um papel fundamental no processo de aprendizado da criança. Através dos aspectos lúdicos do contar as histórias o educador poderá explorar as diversas dimensões cognitivas, afetivas e criativas do educando.

É importante que o educador compreenda que a Literatura Infantil é a abertura para a formação de uma nova mentalidade à iniciação lúdica do pré-leitor mesmo antes de iniciado o processo de sua alfabetização.

A recepção de uma criança na escola deve se com vários elementos estimuladores para que o “mundo interno” da criança venha a aflorar. Assim esses estímulos vão desde aspectos físicos compreendendo as cores, o ambiente, o material didático até os aspectos criativos, afetivos dos educadores.

A literatura infantil é um elemento propiciador do processo de alfabetização. Sendo assim, cabe ao professor usar deste artifício de forma a desenvolver o educando em formação.

Conforme Rubens Alves (2008), *“tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam”*.

Para os novos pedagogos cabe o comprometimento com o amanhã e com o futuro da educação infantil. Cabe à Escola ao próprio Estado a implementação de ações voltadas para a formação do futuro cidadão, sendo hábito da leitura o mais ideal dos instrumentos para essa conquista.

Podemos considerar que é através de um ensino por projetos, que a literatura infantil ganhará um sentido maior na vida das crianças. O confronto de opiniões, a motivação, as interações sociais e o trabalho cooperativo possibilitarão à criança condições que asseguram o caráter formativo das atividades, através de uma boa orientação do professor, tendo a finalidade de esclarecer aos alunos o que devem fazer, como devem fazer, por que e para que fazer tal atividade ou ler este ou aquele livro. Na literatura infantil, portanto, a criança aprende brincando em um mundo de imaginação, sonhos e fantasias.

O foco deste trabalho está na pesquisa Bibliográfica, continuará sendo retomado por novas pesquisa a fim de que o objeto de estudo seja compreendido por diversas dimensões em que se apresenta em livros e revistas que abordam a temática.

2. A Literatura Infantil como elemento fundamental no processo de Alfabetização e Letramento na Educação Especial e Inclusiva:

O processo de inclusão é um movimento mundial de luta das pessoas com deficiências e seus familiares na busca dos direitos no sistema educacional e na sociedade. Por outro lado, a educação especial configura-se como o ramo da

educação que se foca em pessoas com deficiências. Ela se propõe a cumprir as mesmas metas da educação em geral, o que difere é o atendimento, que passa ser de acordo com as diferenças individuais do educando.

É fundamental que todo sistema educacional tenha como parâmetros a dialética teoria e prática, sempre colocando uma a serviço da outra. Pensar o sistema educacional nos dias de hoje sem conceber a ideia dos aspectos históricos, políticos e culturais nos quais cada um de nós estamos inseridos é impossível. Nesta perspectiva, à medida que colocamos com em prática os elementos teóricos que acumulamos e avaliamos nossas atitudes, também estamos nos formando e possibilitando um melhor desempenho profissional.

Ao trazer os aspectos lúdicos para a sala de aula, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, o livro, sua cultura e a própria realidade. Além de contar ou ler a história, ele cria condições em que a criança trabalhe com a história a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões sobre ela, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história. Uma história que retratará alguma vivência da criança, ou seja, sua própria história.

Ao debatermos o processo inclusão de alunos portadores de necessidades especiais no ensino sistema de ensino, também estamos falando de políticas públicas que requerem uma diminuição das desigualdades em nossa sociedade. Assim, o Estado Brasileiro passa a interferir, promovendo políticas públicas para impulsionar o processo de uma sociedade mais justa e igualitária

Uma escola inclusiva deveria ser denominada de escola para todos, pois esta sim está aberta totalmente para que qualquer pessoa possa ter uma educação digna, sem ser necessário estudar em uma “escola especial”.

Ao debatermos o processo inclusão de alunos portadores de necessidades especiais no ensino sistema de ensino, também estamos falando de políticas públicas que requerem uma diminuição das desigualdades em nossa sociedade. Assim, o Estado Brasileiro passa a interferir, promovendo políticas públicas para impulsionar o processo de uma sociedade mais justa e igualitária.

Uma escola inclusiva deveria ser denominada de escola para todos, pois esta sim está aberta totalmente para que qualquer pessoa possa ter uma educação digna, sem ser necessário estudar em uma “escola especial”.

Sendo assim, Belisário comenta:

Para que as escolas sejam verdadeiramente inclusivas, ou seja, abertas à diversidade, há que se reverter o modo de pensar, e de fazer educação nas salas de aula, de planejar e de avaliar o ensino e de formar e aperfeiçoar o professor, especialmente os que atuam no ensino fundamental. Entre outras inovações, a inclusão implica também e em uma outra fusão, a do ensino regular com o especial e em opções alternativas/aumentativas da qualidade de ensino para os aprendizes em geral (BELISÁRIO, 2005, p. 130).

Ao considerarmos a relevância da ludicidade para a educação básica é necessário que tenhamos o foco principalmente nas primeiras etapas do processo educacional. Aqui as brincadeiras, as cantigas, os contos de fada é de suma importância para conectar as fantasias do mundo infantil com os aspectos do ensino e aprendizagem visto que estamos hoje inseridos em uma sociedade gafocêntrica. Nesta perspectiva alfabetizar e letrar não deve ser algo mecanizado, um conto de fada que deva ser contado por obrigação curricular ou passa tempo, mas uma interação entre os “diversos mundos” dos diversos educandos com suas diversas formas de fantasias e histórias de vida.

Souza (1998), destaca que a leitura contribui para a formação do ser humano, possibilita o despertar das emoções e desencadeia a auto compreensão e a compreensão do mundo.(1998, p.17).

De acordo com a Declaração de Salamanca:

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem.

Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola. (Salamanca, 1997, Item 7, p.11).

Neste contexto, ouvir e ler histórias é entrar em um mundo encantador, cheio ou não de mistérios e surpresas, mas sempre muito interessante, curioso, que diverte e ensina. É na relação lúdica e prazerosa da criança com a obra literária que temos uma das possibilidades de formarmos o leitor. É na exploração da fantasia e da imaginação que instiga-se a criatividade e se fortalece a interação entre texto e

leitor. Ou na expressão de Zilberman (1990, p.17) “obra literária como o recortado real”.

Na concepção de Abramovich (2006, p. 22):

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo as crianças ou os pais como personagens), livros atuais ou curtiños, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado de domingo –ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sonho rico, embalado por uma voz amada.

De acordo com Aguiar (2001, p.16) “são as histórias e os poemas que ao longo do tempo, seduzem e cativam a criança”.

O processo educativo deve estimular as diferentes áreas de desenvolvimento da criança, aguçar sua curiosidade, fazer com que ela saia de si e lance ao mundo. E são os contos da literatura infantil que farão o papel intermediário entre o sujeito que aprende e expressa e o mundo dado.

Bettelheim (1996) destaca que o conto de fadas diverte e esclarece a criança, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade (BETTELHEIM, 1996, p. 20).

Por sua vez Cademartori (1994, p.23), afirma que “a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade”.

Já Abramovich (1995, p.17), afirma que a ludicidade “transporta” a criança para o mundo da imaginação e da alegria. E isso é fundamental para o processo de aprendizagem, o despertar da imaginação e da curiosidade:

ler histórias para crianças, sempre, sempre ... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas ...

Bamberger (1977, p. 36) afirma que “a fase dos 2 a 5 ou 6 anos é a fase de mentalidade mágica, em que a criança faz pouca diferença entre o mundo externo e o interno”. O papel da literatura infantil é fazer com que a criança faça a distinção entre o “eu” e o mundo fantasia.

Bettelheim, por sua vez reforça a importância dos contos de fadas e o desenvolvimento das fantasias para a criança no processo de ensino e aprendizagem, além de manter as esperanças e permitir a superação com coragem das adversidades da vida, fossem elas reais ou imaginárias.

Na interação da criança com a obra literária está a riqueza dos aspectos formativos nela apresentados de maneira fantástica, lúdica e simbólica. A intensificação dessa interação, através de procedimentos pedagógicos adequados, leva a criança a uma maior compreensão do texto e a uma compreensão mais abrangente do contexto. Uma obra literária é aquela que mostra a realidade de forma nova e criativa, deixando espaços para que o leitor descubra o que está nas entrelinhas do texto.

Para que a obra literária seja utilizada como um objeto mediador de conhecimento, ela necessita estabelecer relações entre teoria e prática, possibilitando ao professor atingir determinadas finalidades educativas. Para tanto, uma metodologia baseada em um ensino por projetos é uma das possibilidades que tem evidenciado bons resultados no ensino de língua materna.

Nesta catarse que um conto da literatura infantil, por exemplo, pode proporcionar ao educando, o “mundo do faz de conta” se entrelaça com o “mundo real” e institucionalizado. Assim o processo de socialização remeterá ao educando uma forma de “estar no mundo”. E sua história será elaborada gradativamente juntamente com as diferentes “histórias dos coleguinhas”, o que é uma etapa fundamental para o desenvolvimento infantil e construção do futuro cidadão. E assim acontece o processo de aprendizagem: para cada letra, cada número, cada figura, cada cor e forma há uma história, uma música, um ritmo... Há uma relação entre o brincar o prazer.

2.1- A articulação dos processos de ensino e aprendizagem em sala de aula com a educação informal:

Experiências felizes com a literatura infantil em sala de aula são aquelas em que a criança interage com os diversos textos trabalhados de tal forma que

possibilite o entendimento do mundo em que vivem e que construam, aos poucos, seu próprio conhecimento. Para alcançarmos um ensino de qualidade, se faz necessário que o professor descubra critérios e que saiba selecionar as obras literárias a serem trabalhadas com as crianças. Ele precisa desenvolver recursos pedagógicos capazes de intensificar a relação da criança com o livro e com seus próprios colegas.

A escola é um momento de expressão, de dar vida ao mundo assimilado pelo educando. Este é o papel da escola e dos professores: formar seres humanos completos, plenos de sensibilidade e aptos para viver em uma sociedade mais digna.

Em nosso país, poucas crianças têm o hábito de ler. A maioria tem o primeiro contato com a literatura apenas quando chega à escola. E a partir daí, vira obrigação, pois infelizmente muitos de nossos professores não gostam de trabalhar com a literatura infantil e talvez desconheçam técnicas que ajudem a "dar vida às histórias" e que, conseqüentemente, produzam conhecimentos. Muitos não levam em conta o gosto e a faixa etária em que a criança se encontra, sendo que muitas vezes o livro indicado ou lido pelo professor está além das possibilidades de compreensão dela em termos de linguagem.

Uma história traz consigo inúmeras possibilidades de aprendizagem. Entre elas estão os valores apontados no texto, os quais poderão ser objeto de diálogo com as crianças, possibilitando a troca de opiniões e o desenvolvimento de sua capacidade de expressão. O estabelecimento de relações entre os comportamentos dos personagens da história e os comportamentos das próprias crianças em nossa sociedade possibilita ao professor desenvolver os múltiplos aspectos educativos da literatura infantil.

É de suma importância que o educador compreenda que o educando não é uma "tábula-rasa". Ao adentrar na escola, a criança já trás junto de si uma infinidade de informações e vivências que aprendera em seu mundo, nos diversos espaços e instâncias sociais como o ambiente familiar, brincadeiras de rua ou nas interações com os professores e colegas na própria escola.

De acordo com Cury (2008, p. 12), os pais influenciam em muito no processo de aprendizagem dos filhos. Isto, muitas vezes de forma indireta e até inconsciente. Se os filhos são estimulados à leitura, aos componentes lúdicos como o desenho, a

música, o brincar e o contar histórias, certamente a criança terá maiores facilidades na instituição escolar. Parte da influência dos pais provém da maneira como eles encaram a aprendizagem escolar. Através das atitudes e valores que passam aos filhos, sem a intenção de ensinar, ou seja, dando exemplos em atitudes, é que os pais podem ajudar na aprendizagem dos filhos.

Por tudo isso, os relacionamentos entre pais e filhos devem ser verdadeiros e ocorrer de forma prazerosa.” Os filhos não precisam de pais gigantes, mas de seres humanos que falem a sua linguagem e sejam capazes de penetrar-lhes o coração.” (CURY, 2008, p. 15).

A função familiar é educar, garantindo o provimento das crianças, formando o caráter, para que elas na idade adulta possam exercer atividades produtivas para a própria sociedade, cumprindo com o seu papel de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. Dessa forma, terão moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem. (CURY, 2008, p. 15).

Se a aprendizagem na família não for bem-sucedida, falte tempo e condições necessárias para que ela explore os seus conhecimentos, experimente sensações e aprenda com elas, ou simplesmente falte amor, atenção, pode acontecer uma aprendizagem superficial e isso pode levar a uma dificuldade na aprendizagem escolar. (CURY, 2008, p. 15).

E ainda para Cury (2008), é importante ter sempre um tempo disponível para os filhos, pois a maioria dos pais trabalha e acaba dispondo de pouco tempo para estar com eles em seu dia a dia. Estes pais precisam ter em mente, que vale mais um contato de dez minutos diariamente com qualidade, do que passar um dia inteiro com a criança ao final do mês, como forma de recuperar o tempo perdido.

Esta aproximação dos pais permite aos professores conhecer melhor a família, o meio em que vive e a própria criança. Através desta união, pode-se esclarecer o processo educativo, conhecer as expectativas tanto das escolas, quanto dos pais e ouvir sugestões.

De acordo com Piletti(1989, p. 279):

O amor dos pais ou de outros adultos é uma condição indispensável para a educação das crianças. Quando os pais amam os filhos, estes desenvolvem atitudes positivas em relação a si mesmos, aos outros e à vida. Os filhos aprendem a amar, verdadeiramente. Amar a si mesmos, amar aos outros, amar a vida. Não basta falar que ama. Criança nenhuma se deixa enganar pelas palavras...

A família tem um papel fundamental na primeira educação, isso partindo do princípio dos aspectos afetivos, cognitivos, volitivos e sociais. Os primeiros contatos da criança com o mundo é feito através dos olhos, das mãos, dos sentimentos e dos valores dos pais (PILETTI, 1989, p. 27)

A aprendizagem não pode ser mecânica ou mágica, mas é algo interacional, envolve o “mundo” e o sujeito que aprende, envolve o educador e o educando, relação esta que deve ser compreendida como a subjetividade do educando e o processo criativo do educador para articular o “mundo do educando” com os recursos didáticos presentes em sala de aula. e

Também é importante destacar o processo de interdisciplinaridade e o uso da biblioteca para que possa reforçar a aprendizagem e diversificar as formas de ensinar.

Ao trazer a literatura infantil para a sala de aula, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, o livro, sua cultura e a própria realidade. Além de contar ou ler a história, ele cria condições em que a criança trabalhe com a história a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões sobre ela, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história. Uma história que retratará alguma vivência da criança, ou seja, sua própria história.

Nas palavras de Paulo Freire:

(...) no processo de aprendizagem, só aquele verdadeiramente que se apropria do aprendido, transformando em aprendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventa-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido a situações concretas. Pelo contrário, aquele que é “enchido” por outros conteúdos cuja inteligência não percebe, de conteúdos que contradizem a própria forma de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende (FREIRE, 1979, p. 14).

De acordo com nossa problematização, educar não pode ser um fim, mas um meio, uma reflexão, uma constante indagação que se faz numa proposta dialógica, onde o mundo, o educando e o educador estão entrelaçados, em constante interação.

Para Libâneo (1994), sustenta não ver com clareza uma preocupação na sociologia do currículo. Acrescenta: “as questões básicas da didática continuam sendo aquelas que compõem seu campo de estudo: os objetivos da educação escolar, o que é preciso ensinar, para quem ensinar e como ensinar” (1994, p.

224).E Libâneo (1994, p. 224) examina repercussões de alguns temas da atual teorização social crítica na didática. Analisando certos princípios da pós-modernidade e sua incorporação em estudos críticos de currículo, o autor reafirma seu compromisso com determinadas utopias, defende o racionalismo do projeto iluminista, insiste no valor dos conteúdos científicos do currículo escolar, enfatiza a importância da psicologia para a maior compreensão dos processos de desenvolvimento cognitivo do aluno, criticando, ainda, a forma como alguns autores de currículo tem abordado temas como ideologia, cultura, poder, cotidiano e linguagem.

A escola é um momento de expressão, de dar vida ao mundo introjetado pelo educando. Este é o papel da escola e dos professores: formar seres humanos completos, plenos de sensibilidade e aptos para viver em uma sociedade mais digna (LIBÂNEO, 1994, p. 226).

Uma proposta democratizante de educação deve estar em plena conexão a família, a escola e a comunidade. Para que a escola possa desempenhar melhor o seu papel, ela pode ter algumas atitudes para melhor cumprir o seu dever legal e social de ter um bom relacionamento com as famílias (LIBÂNEO, 1994, p. 226).

Assim é importante que os educadores questionem o mundo do aluno no sentido de compreenderem o que ele traz de casa como pontapé inicial para o processo de ensino.

O educador tem o compromisso, ainda de fazer os planejamentos de acordo com as necessidades da turma e compreender que cada aluno tem sua história. Nesta perspectiva, assim se posiciona Libâneo(1994):

O papel do professor, portanto é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem. Não há ensino verdadeiro se os alunos não desenvolvem suas capacidades e habilidades mentais, se não assimilam pessoal e ativamente os conhecimentos ou se não dão conta de aplicá-los, seja nos exercícios e verificações feitos em classe, seja na prática da vida (LIBÂNIO, 1994, p. 20).

Ainda com Libâneo, a discussão se dá sobre os processos didáticos, ou seja, como são articulados os conteúdos em sala de aula. E para isso é fundamental compreender como esses conteúdos são trabalhados e orientados através do currículo.

O autor ainda complementa que a ideia sobre a concepção de sociedade, de homem e de educando idealizado por uma proposta transformadora, perpassa por uma didática, portanto, “processo de ensino consiste de uma combinação adequada entre o papel de direção do professor e a atividade independente, autônoma e criativa do aluno” (LIBÂNIO, 1994, p. 20).

A educação deve ser política, crítica, centralizada no dia a dia dos educandos e para isso deve o educador estar consciente das necessidades de cada educando presente em sala de aula. Deste modo, Libâneo (1994) destaca que o papel da didática é converter os objetivos sócio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos (LIBÂNIO, 1994, p. 65).

A escolha autônoma e consciente é o objetivo de uma escola que preza por um homem transformador, responsável e cidadão. Deste modo, Giussani, (2000) diz que a educação tem por objetivo de formar um homem novo; levar o educando a agir cada vez mais por si próprio, numa postura de enfrentamento e a responsabilidade da escolha, o "agir por si" (GIUSSANI, 2000, p. 20).

A escola é a segunda instituição para as crianças. O seu papel é dar continuidade ao processo educativo vindo da instituição familiar e introduzir a formação acadêmica, indispensável para a formação intelectual e profissional, além de caminhar lado a lado com a família, favorecendo a formação de valores. “A escola sozinha, não é responsável pela formação da personalidade, mas tem papel complementar ao da família” (TIBA, 2002, p. 181).

Antes a escola era vista somente como um lugar de disciplina, onde ensinava somente teorias e não ouvia os demais interessados. Esta prática vem sendo atualizada e modificada, pois as escolas estão buscando desenvolver uma gestão mais participativa e voltando o seu olhar para o bem-estar e um melhor desenvolvimento do educando.

É na escola que a criança precisa desenvolver sua autoestima, autonomia, entender que é capaz de superar os obstáculos. E nada é mais significativo para a criança, do que, além de contar com a ajuda dos professores, os seus pais possam estar presentes sempre, vendo e participando do seu desenvolvimento.

Tudo que for o melhor para as crianças, que ajude no seu aprendizado, a escola precisa repensar o seu conceito, procurar uma forma de contribuir para que o aprendizado seja pleno e buscar meios para realizar essa conquista.

2.2- O processo de Letramento através da literatura

A escola é um lugar privilegiado para refletir sobre as questões que envolvem crianças e jovens, pais e filhos, educadores e educandos, especialistas da educação, auxiliares em geral, bem como as relações que se dão na sociedade. É também nesse universo onde a socialização, a promoção da cidadania, a formação de atitudes, opiniões e o desenvolvimento pessoal podem ser incrementados ou prejudicados. A escola é um espaço de socialização e de intersubjetividades.

Segundo Cademartori (1994), a Literatura Infantil divide-se em dois momentos: a escrita e a lendária. A lendária nasceu da necessidade que tinham as mães de se comunicar com seus filhos, de contar coisas que os rodeavam, sendo estas apenas contadas, não sendo registradas por escrito. Os primeiros livros infantis surgiram no século XVII, quando da escrita das histórias contadas oralmente. Foram obras de fundo satírico, concebidas por intelectuais que lutavam contra a opressão para estigmatizar e condenar usos, costumes e personagens que oprimiam o povo. Os autores, para não serem atingidos pela força do despotismo, foram obrigados a esconder suas intenções sob um manto fantasioso (CADEMARTORI, 1994, p. 12).

Como marco inicial da Literatura Infantil podemos citar o autor Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com os livros "Mãe Gansa", "O Barba Azul", "Cinderela", "A Gata Borralheira", "O Gato de Botas" e outros. Depois disso, apareceram os seguintes escritores: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, Bush. No Brasil, a literatura infantil pode ser marcada com o livro de Andersen "O Patinho Feio", no século XX. Após surgiu Monteiro Lobato, com seu primeiro livro "Narizinho Arrebitado" e, mais adiante, muitos outros que até hoje cativam milhares de crianças, despertando o gosto e o prazer de ler (Cademartori, 1994).

Para Palo e Oliveira (2006):

O aparecimento da Literatura Infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo "status" concedido à infância na sociedade e da organização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias

eram elaboradas para se converterem em instrumento dela PALO & OLIVEIRA, 2006, p. 02).

Bettelheim (1996) se referir à questão da Literatura e sua importância para a formação da criança diz que é fundamental o contato desde muito cedo com a obra literária escrita para que a criança compreenda a si mesma e ao outro. Terá a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e ampliar os horizontes da cultura e do conhecimento, percebendo o mundo e a realidade que a cerca. Para

A literatura infantil tem um papel fundamental no processo de aprendizado da criança. Através dos aspectos lúdicos do contar as histórias o educador poderá explorar as diversas dimensões cognitivas, afetivas e criativas do educando.

Ler histórias para as crianças é incitar o imaginário, provocar perguntas e buscar respostas, é despertar grandes e pequenas emoções como rir, chorar, sentir medo e raiva, emoções estas que vêm das histórias ouvidas e lidas.

Para Saraiva “como arte, é a literatura, em suas diferentes formas, que propicia ao leitor o acesso à sua interioridade e o estabelecimento de relações de seu mundo interior com o exterior” (SARAIVA, 2001, p. 13).

E para Magda Soares a versão para o Português da palavra *literacy*, da língua inglesa. “Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado [...], ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever (SOARES, 2001, p.17)”.

Para o processo de ensino da linguagem, são necessários três fundamentos básicos: a leitura, a compreensão e a produção numa relação de contexto social, e para que a alfabetização e o letramento tomem parte do ensino da língua em sua prática social é preciso que se alfabetize letrando.

De acordo com Magda Soares:

Se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada (tomando este adjetivo no campo semântico de letramento e de letrar, e não com o sentido que tem tradicionalmente na língua, este dicionarizado) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias. (Soares 2004, p. 16).

E ainda de acordo com a autora, a prática do letramento são planejados e instituídos na escola com objetivos ligados aos processos avaliativo e de certa forma, a “escola autonomiza as atividades de leitura e de escrita em relação a suas circunstâncias e uso sociais” (SOARES, 2008, p. 107).

A autora defende que alfabetização e letramento envolvem duas aprendizagens distintas, mas que devem ocorrer de forma articulada, o que denomina como alfabetizar letrando. A educadora sublinha ainda o papel da literatura infantil e da cultura lúdica no processo de letramento da criança (SOARES, 2008, p. 107).

Já Paulo Freire (1993), ao falar do processo de educação democrática defende a ideia de que ensinar a ler pode ser compreendido como um engajamento na criatividade comunicativa. É uma fusão de expressão de sentimentos e emoções com a compreensão do mundo. Ler é “ler o mundo”:

E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade. Um exercício crítico sempre exigido pela leitura e necessariamente pela escuta é o de como nos darmos facilmente à passagem da experiência sensorial que caracteriza a cotidianidade a generalização que se opera na linguagem e desta ao concreto tangível. Uma das formas de realizarmos este exercício consistente na prática a que me venho referindo como “leitura da leitura anterior do mundo”, entendendo-se aqui como “leitura do mundo” a “leitura” que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade. A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete agora a leitura anterior do mundo. O que me parece fundamental deixar claro é que a leitura do mundo que é feita a partir da experiência sensorial não basta. Mas, por outro lado, não pode ser desprezada como inferior pela leitura feita a partir do mundo abstrato dos conceitos que vão da generalização ao tangível. (FREIRE, 1993, p. 30).

Nesta perspectiva, diz Indursky e Zinn (1985) que o processo da educação é a preparação para a vida, a compreensão e transformação da realidade. Nesta perspectiva a leitura só pode ser compreendida numa perspectiva crítica. Um desvelamento dos significados ocultos. (INDURSKY e ZINN. 1985 p 23).

No mundo da criança as cores, as formas tornam-se maiores que o real e é a partir deste contato fantasia e realidade que a criança aprende e apreende o mundo estipulado. E a literatura infantil proporciona isso.

De acordo com Coelho (2000, p. 27), “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o

homem, a vida, através de palavras. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”

Quando o educador o educador for abordar a literatura infantil com as crianças, deverá levar em consideração, conforme Coelho (2000, p. 27),

... a leitura inteligente, aquela que esclarece e enriquece o espírito depende não só da aquisição do mecanismo da leitura mas de toda uma educação preparatória. Esta educação, esta pré-leitura é precisamente a razão de ser alguns de nossos álbuns de figuras e de atividades...

E ainda Coelho (2000, p. 22), diz que a “Literatura Infantil busca novas soluções para a reintegração harmoniosa eu-mundo, que se faz urgente. Daí pelo começo - pela criança, pelo seu imaginário e sua possível descoberta da vida real, através do ouvir, ler, contar ou inventar histórias... como tem acontecido desde as origens do tempo”.

De acordo com Bárbara Vasconcelos de Carvalho: *“o conto infantil é uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral”.*

Um processo de leitura voltada ao público infantil, poderá ser trabalhada através de imagens e figuras ilustrativas que se compõem no espaço lúdico em sala de aula. Quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dela tornar-se um adulto leitor. Da mesma forma através da leitura a criança adquire uma postura crítico-reflexiva e relevante à sua formação cognitiva.

As condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos positivos de leitura, incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis. A visitação em livrarias, feiras de livros e bibliotecas são excelentes sugestões para tornar permanente o hábito de leitura.

Em um mundo tão cheio de tecnologias em que vivemos, onde todas as informações ou notícias, músicas, jogos, filmes, podem ser trocados por e-mails, cd's e dvd's o lugar do livro parece ter sido esquecido. Mas, se nós educadores acreditarmos que além de informar, instruir ou ensinar, o livro pode dar prazer, encontrará meios de mostrar isso à criança. E ela vai se interessar por ele, vai querer buscar no livro esta alegria e prazer. Tudo está em ter a chance de conhecer a grande magia que o livro proporciona. Enfim, a literatura infantil é um amplo campo

de estudos que exige do professor conhecimento para saber adequar os livros às crianças, gerando um momento propício de prazer e estimulação para a leitura.

Deste modo, a formação de bons leitores e cidadãos críticos é imprescindível a importância dos responsáveis estarem estimulando a criança através do mundo encantado da Literatura Infantil.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O brincar é um elemento básico e essencial para os seres humanos. Os jogos e brincadeiras em sala de aula são elementos motivacionais do processo de aprendizagem.

A criança não é um papel em branco e nem uma “tábula rasa”. Antes mesmo de aprender a ler a criança possui uma antecipação de seu letramento e alfabetização, isso se ela estiver dentro de um contexto social onde a leitura e a escrita façam parte de seu convívio.

A literatura infantil um papel fundamental no processo de aprendizado da criança. Através dos aspectos lúdicos do contar as histórias o educador poderá explorar as diversas dimensões cognitivas, afetivas e criativas do educando.

É importante que o educador compreenda que a Literatura Infantil é a abertura para a formação de uma nova mentalidade à iniciação lúdica do pré-leitor mesmo antes de iniciado o processo de sua alfabetização.

Podemos considerar que é através de um ensino por projetos, que a literatura infantil ganhará um sentido maior na vida das crianças. O confronto de opiniões, a motivação, as interações sociais e o trabalho cooperativo possibilitarão à criança condições que asseguram o caráter formativo das atividades, através de uma boa orientação do professor, tendo a finalidade de esclarecer aos alunos o que devem fazer, como devem fazer, por que e para que fazer tal atividade ou ler este ou aquele livro. Na literatura infantil, portanto, a criança aprende brincando em um mundo de imaginação, sonhos e fantasias.

E na perspectiva da educação especial e inclusiva devemos destacar como tarefas da escola a ampliação do acesso dos educandos portadores de necessidades especiais aos sistemas regulares de ensino e um suporte técnico aos professores, garantindo-lhes maior atuação com as diferenças e diversidades.

Também é necessário que haja uma conexão entre a família dos educandos portadores de necessidades especiais, a sociedade e a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo : Scipione, 2006.

AGUIAR, Vera Teixeira de & BORDINI, Maria da Glória. **Era uma vez na escola: formando educadores para formar leitores**. BeloHorizonte: Formato editorial, 2001.

ALVES, Rubens. **O prazer da leitura: aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras**. Educação. nº 137. Ano 12, 2008).

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRANDÃO, Ana Paula. **A cor da cultura**. Coleção saberes e fazeres. V.1. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho. 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz eTerra, 1980. Tradução de Arlene Caetano.

BRASIL. Leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394/96, 20 dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, ano 134, n. 248, p. 27833-27841, 1996.

BRASIL. Constituição da República Federativa Do Brasil de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm Acesso: 05 mar. 2015.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1996. p. 11-43.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6.ed. São Paulo : Brasiliense, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, professores fascinantes**. Coleção Autoestima. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

FORTUNA, Tânia Ramos. **O Lugar do Brincar na educação infantil**. Revista Pátio-Educação Infantil. Ano IX,nº 27,abr/jun 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1993.

JOLIBERT, J. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1994. v.1.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992 (Coleção Magistério – 2º grau. Série Formação do Professor).

LIMA, Zélia Vitória Cavalcanti – **Jogo e desenvolvimento: brincadeira é coisa séria.**, 6º ed. São Paulo: Martins fontes, 1998.

PALO e OLIVEIRA, Maria José. **Literatura Infantil: Voz de Criança** Maria José Palo, Maria Rosa D Oliveira. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

PILLETI, Nelson. **Psicologia educacional**. São Paulo: Ática, 2002.

RANGEL, Anna Maria Píffero. **Alfabetizar aos seis anos**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

SARAIVA, Juracy Assman, Becker, Célia Doris, VALE, Luiza Vilma Pires. Do plano do choro ao plano da ação. In SARAIVA, Juracy Assman, *et al.* **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano de ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 11 - 21.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, Renata Junqueira de. Leitura e alfabetização: a importância da poesia infantil nesse processo. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 61-78.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** 24. Ed. São Paulo: Gente, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 10ª ed: São Paulo: Contexto, 1988.